

# Nos cruzamentos da Memória: uma leitura de Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva

João Batista Peixoto da Silva<sup>1</sup>

O ofício do historiador no mundo contemporâneo vem colocando a necessidade de se refletir e investigar sobre um conjunto de elementos até há pouco tempo atrás pouco levados em conta nas tendências que esquadrihavam o tratamento de suas fontes por parte dos historiadores. A visibilidade e a importância dessas novas tendências na configuração do *métier* do historiador expressaram-se de formas múltiplas e diversificadas, como atesta, por exemplo, o lugar ocupado pelas novas configurações instituintes da própria concepção de “documento”, fruto agora de um intenso debate teórico-metodológico que inclusive traz para a agenda do debate novas possibilidades de articulação da história (processo histórico), com a prática historiográfica e as concepções de tempo histórico mobilizadas.

Tipologia documental cada vez mais democratizada e a emergência de recortes temáticos verdadeiramente inovadores do ponto de vista da originalidade, são duas questões que se apresentam no panorama teórico-metodológico da prática historiográfica e que redefinem a relação entre História e Memória. Segundo Jacques Le Goff:

Esta revolução[documental] é, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. O interesse da memória coletiva e da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos; por exemplo, coloca em primeiro plano, para a história moderna, o registro paroquial que conserva para a memória todos os homens (...)<sup>2</sup>

A história marcada pela renovação documental se afirma por um trato documental que não se restringe ao documento tradicional, exclusivamente escrito e de origem oficial, e chama à tona outras formas de suporte documental que possam mediar

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH/UFPB).

<sup>2</sup> Le Goff, 1994, p. 541.

a relação presente/passado na reconstrução das experiências humanas no interior das temporalidades, visto que a relação que o historiador estabelece com seu objeto de estudo é sempre uma relação indireta ou mediada, nunca uma relação de transparência e recomposição de uma totalidade. Igualmente importante para um melhor entendimento das repercussões dessa renovação na concepção de documento no ofício do historiador, é a repercussão da subjetividade no estatuto dos documentos, fluxos de subjetividade cada vez mais relevantes não só do ponto de vista da forma como igualmente do conteúdo.

Para além do registro da subjetividade presente apenas ao nível da forma de abordagem do historiador de seu objeto de estudo, ou seja, um circuito mais próximo propriamente do contexto metodológico, atualmente a tendência cada vez mais recorrente implica numa presença cada vez maior de recortes temáticos subjetivos por definição, de tal forma que a realidade da subjetividade não se coloca apenas enquanto fonte, mas também, e cada vez mais principalmente, enquanto objeto de estudo. Quando a concretude da subjetividade não se insere no ofício do historiador simplesmente pelas possíveis (de)formações de perspectiva do olhar do historiador quando reconstrói seu objeto de estudo – “Toda história é história contemporânea” – e organiza um conjunto de novas realidades temáticas que costumam um outro tecido que encobre a relação entre História, Memória e Narrativa, torna-se possível a indagação de Roger Chartier:

Devemos, por isso, mudar de perspectiva e considerar que toda história, qualquer que seja, econômica ou social, demográfica ou política, é cultural, na medida em que todos os gestos, todas as condutas, todos os fenômenos objetivamente mensuráveis sempre são o resultado das significações que os indivíduos atribuem às coisas, às palavras e às ações?<sup>3</sup>

A indagação de Roger Chartier é válida justamente porque hoje, mais do que nunca, as múltiplas formas de existência do social são analisadas e representadas enquanto realidades que não simplesmente se impõe de forma autônoma e dispersa, mas sim a partir de lógicas que contribuem para a própria relação enquanto elemento instituinte das práticas e das representações. Pensar o relacional é pensar a tessitura de sentidos que os sujeitos atribuem ao social e que recortam as experiências em sociedade. O que pode ser perigoso na perspectiva do trecho acima, é uma concepção de “cultural” tão radical e imperialista que, ao aproximá-la da própria idéia de história, torna-se muito

---

<sup>3</sup> Chartier, 2009, p. 33.

próxima de uma dissolução, algo que o Chartier tem cuidado em ressaltar, e também torna praticamente inviável sua operacionalização num sentido mais específico, ou seja, sua importância do ponto de vista propriamente heurístico torna-se algo problemático.

E como nossa proposta aqui é discutir um pouco mais detidamente sobre as relações entre história, memória, narrativa e produção de subjetividades, escolhemos um exemplo que pode nos ajudar a entender melhor algumas questões que estão colocadas do ponto de vista teórico-metodológico para o trabalho direto com objetos de pesquisa que se inserem num contexto de novas formas de visibilidade das experiências subjetivas do Eu, e por isso as chamadas narrativas auto-referenciais, abrangendo uma enorme diversidade de tipologias, a exemplo da narrativa epistolar, dos diários, as autobiografias e outras, ocupam um lugar de destaque nesse sentido.

A narrativa autobiográfica de Marcelo Rubens Paiva, *Feliz Ano Velho*, originalmente publicada em 1982, está inserida num contexto histórico de transição do Brasil que experimentou o regime militar instaurado com o golpe de 1964 e que desde o final da década de 70 sinalizava no sentido da abertura do regime, com um realinhamento de ordem institucional que acompanhasse o desgaste natural do regime e a emergência de inovadoras forças sociais que até então não desfrutavam de espaços de atuação realmente relevantes. Nesse sentido, pode-se dizer que:

*Feliz Ano Velho* é uma obra peculiar, paradigmática em vários aspectos. A publicação, lançada em sua primeira edição em 1982, marca o ingresso de Marcelo Rubens Paiva na Literatura, assim como reflete a conturbada transição política no Brasil, quando a redemocratização despertava nas pessoas um misto de euforia e dúvida. Marcelo, que tinha pouco mais de vinte anos de idade quando escreveu seu livro de estréia, participava ativamente desse panorama.<sup>4</sup>

O maçante, o corriqueiro, a futilidade das experiências vivenciadas pela existência individual, tudo isso organiza as coordenadas da relação entre a narrativa, enquanto visibilidade do racional das experiências que concretamente são vivenciadas de modo dispersivo e fragmentado, e a produção de subjetividades presentes nos quadros da memória aí delineados. Entrecruzamentos, recobertas, potencialização e etc., esses elementos dão a tônica da cartografia da sensibilidade do Eu que aí se afirma nas narrativas do indivíduo moderno, de modo que:

---

<sup>4</sup> Santos, 2006, p. 01.

Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionado com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignos de ser lembrados.<sup>5</sup>

A centralidade indiscutível que uma vida “comum” pode ter hoje no quadro de uma verdadeira democratização das possibilidades de visibilidade de uma experiência individual, sugere-nos refletir sobre o quanto absolutamente não consiste numa descoberta radicalmente original a assertiva que postula uma verdadeira redefinição dos fundamentos de expressão da historicidade que caracteriza as sociedades contemporâneas, o que nos obriga a levar em consideração o lugar central ocupado aí pelo retorno, de uma outra forma, à questão da organização da temporalidade em geral no campo de forças do pós-moderno e também ao problema da forma que o tempo, a temporalidade e o sintagmático poderão se expressar em uma cultura cada vez mais radical no que concerne à formulação de novos quadros de transformação dos paradigmas reinantes. Daí que somos obrigados a refletir sobre a possível plausibilidade do ponto de vista que questiona seriamente a provável capacidade no mundo contemporâneo, do sujeito estender de forma ativa suas protensões e retensões em um quadro temporal e garantir um mínimo de coerência na organização de sua experiência com o tempo, o que talvez nos permita inferir que, dentro de tal contexto, torna-se praticamente impossível desvincular a produção cultural de tal sujeito de “um amontoado de fragmentos” resultantes em larga medida de uma prática por excelência fragmentada, dispersiva e aleatória.

No início dos anos 80 a visibilidade de algumas narrativas autobiográficas que dão vazão à trajetória individual da juventude brasileira, recortada por uma atmosfera melancólica, de incompreensão, de sujeitos que se instituem construindo sentidos na trama ordinária da vida, ocasiona a localização de uma sensibilidade por parte de uma geração, e geração aqui entendida num sentido que vai além de simples “manifestações externas”, e que se aproxima do fruto de um trabalho de memória comum de grupo, que identifica sua vivência e a compartilha com seus sucessores que não a vivenciaram, de modo que essa geração, a “geração anos 80”, se relaciona de uma forma muito menos puritana frente à experimentação dos frutos do aprofundamento da cultura de massas no Brasil que foi dinamizada pelo projeto de desenvolvimento do Brasil acionado pelos

---

<sup>5</sup> Gomes, 2004, p. 11.

militares, sugerindo assim a importância histórica de narrativas como a de Eliane Maciel em *Com licença, eu vou à luta: é ilegal ser menor?*, de 1983, e a de Sandra Mara Herzer em *A queda para o alto*, de 1985, além da narrativa de Marcelo Rubens Paiva, evidentemente, entre outras. Diz o próprio Marcelo Rubens Paiva:

Quando lancei *Feliz Ano Velho*, a grande novidade era o uso de gírias, que é um pouco característica da maconha, de ter que encontrar artifícios para falar coisas que as pessoas ao lado não podem saber. E outro detalhe interessante é que poucos jovens escreveram no mundo sobre a experiência de ser jovem (...) Então, era uma oportunidade dos jovens, que estavam na música e na pichação, entrarem na literatura.<sup>6</sup>

Do ponto de vista propriamente metodológico, as narrativas do Eu, em particular as narrativas de caráter autobiográfico, que agenciam a memória na reconstrução de uma trajetória individual, reconstrução, diga-se de passagem, sempre incompleta e lacunar, como aliás é a própria configuração do exercício de “acessar” o passado através de outras fontes mais “confortáveis” e menos problemáticas no eterno diálogo passado/presente, esquadriham uma relação entre história e memória que vai além de uma relação de simples antagonismo e de insuficiência/arbitrariedade frente à rigorosidade intelectual.

O que está colocado aqui é a necessidade de uma abordagem das narrativas de memória que efetivamente problematizem as relações entre história, memória, narrativa e produção de subjetividades, num circuito que tanto leve em consideração as tramas propriamente textuais que “costuram” e dão sentido à narrativa, como igualmente leve em consideração as redes, os suportes, os circuitos que possibilitam o sujeito moderno concretamente existir e tornar sua experiência individual e sua subjetividade algo passível de algum investimento social e coletivo. No trecho a seguir, Marcelo Rubens Paiva, em *Feliz Ano Velho*, dá uma amostra da tônica que esquadriha a memória de si num entorno social:

Nasci no lado de cá dos trilhos, de marginal somente no colegial, onde os colegas eram príncipes; eu, apenas burguês. Eles calçavam All Star, um tênis todo fresco, americano, que encantava as meninas, dando um porte de jogador de basquete da Harvard University. Eu usava um Bamba, figurando um goleiro do Vasquinho, meu time de futebol.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Paiva, citado in Bryan, 2004, 160.

<sup>7</sup> Paiva, 1982, p. 13.

O trecho acima demonstra de forma sutil o quanto a memória de si, e aqui a forma de organizar a narrativa é extremamente importante, é referenciada num entorno sócio-cultural que dialoga com signos do aparentemente fútil, ordinário, mas que vai mediatizando a cartografia dos desejos e das subjetividades pulsantes. Dessa forma, enquanto registro de memória, tal qual os dos indivíduos modernos, a memória de si tem na subjetividade, na fragmentação e no caráter ordinário do cotidiano de suas próprias vidas sua expressão de originalidade. As palavras de Ângela de Castro Gomes são bastante sugestivas nesse sentido:

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. Seu valor, especialmente como documento histórico, é identificado justamente nessas características, e também em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas.<sup>8</sup>

Para além de simplesmente uma experiência subjetiva individual que é racionalizada na própria narrativa que lhe dá coerência e sentido, a escrita de si mobiliza uma relação com a temporalidade que a inscreve nos interstícios dos cruzamentos das temporalidades, em que passado/presente/futuro dialogam, e ao se inter cruzarem se ressignificam. E não apenas as temporalidades travam um diálogo, os mecanismos de agenciamento da memória também se fazem a partir do signo da multiplicidade, o lugar do individual e subjetivo, a “*minha experiência de vida*”, tece um fluxo de convergência e ao mesmo tempo divergência, já que a “*minha experiência de vida*” está ela mesma inserida num conjunto mais vasto de coordenadas que condicionam a própria possibilidade de existência.

Quando Marcelo Rubens Paiva, em *Feliz Ano Velho*, narra a sua trajetória de vida, envolta num clima de dor e autopunição, referenciada pelo episódio traumático do acidente que o deixaria tetraplégico em pleno apogeu de sua juventude, a irreverência e o sarcasmo que entrelaçam a narrativa não torna-se indiferente às principais questões que estão colocadas no panorama social, político e cultural do Brasil que se reinventava no contexto da redemocratização dos anos 80, e que marca profundamente a chamada “Geração Coca-Cola”.

A centralidade ocupada em *Feliz Ano Velho* pela recorrência do tema da Ditadura Militar está relacionada com o teor panfletário que cerca a obra, justificando assim a

---

<sup>8</sup> Gomes, *ibidem*, p. 13.

sugestiva presença da narrativa sobre seu pai, o ex-deputado federal Rubens Paiva, alvo da perseguição política do regime, e que foi preso e “sumido” sem nenhum esclarecimento maior. A mobilização das instituições da sociedade civil no contexto de transição do início dos anos 80 e a reconfiguração institucional do país são elementos que também estão presentes na narrativa de Marcelo Rubens Paiva, além de outras que agenciam memórias que não necessariamente dialogam com os mesmos recortes temáticos mobilizados, mas que são articulados na narrativa a partir de uma instituição de sentido frente às experiências do seu tempo histórico, segundo as palavras abaixo:

A ditadura militar, de maneira similar ao salto empreendido pelo jovem em uma lagoa, paralisa o país, impede seus movimentos mais primordiais, tolhendo sua liberdade. O autor também sente esse drama na esfera pessoal e, paralelamente à nação, trava uma luta para superar o trauma e resgatar sua mobilidade.<sup>9</sup>

Memórias que se cruzam, labirintos que se instituem. Narrativas do Eu e narrativas das experiências sociais coletivas são ambas mediatizadas pelo substrato afetivo da memória em *Feliz Ano Velho*, o trágico, a irreverência, a crítica aos valores sociais estabelecidos, tudo isso confluindo para organizar e dá visibilidade às *memórias de jovens*, tão incomuns nas análises dos historiadores em favor das *memórias de velhos*, e obrigando o estudioso a lançar um olhar mais micro que dê conta da expressão da experiência dos homens no tempo no conjunto de experiências que vai desde o cotidiano de uma criança caracterizado pelas experiências típicas da classe média no Brasil, até as agruras e lamentações de um jovem cansado de fazer um verdadeiro périplo pelos hospitais devido a um acidente que o vitimou gravemente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>9</sup> Santos, *ibidem*, p. 02.

**BRYAN, Guilherme.** Quem tem um sonho não dança – Cultura jovem brasileira nos anos 80. Rio de Janeiro: Record, 2004.

**CHARTIER, Roger.** A história ou a leitura do tempo. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

**GOMES, Ângela de Castro (org.).** Escrita de si, Escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

**LE GOFF, Jacques.** História e memória. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

**PAIVA, Marcelo Rubens.** Feliz Ano Velho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

**SANTOS, Darlan Roberto dos.** “*Feliz Ano Velho: Um olhar dividido entre a Ditadura Militar e a Redemocratização*” in Revista Gatilho (PPGL/UFJF, Online), v.4, 2006.